



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS CAMPUS GURUPI
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS/TEATRO**

MARCIANA CARVALHO DA COSTA

DESAFIOS E SUPERAÇÕES DO ARTISTA DOCENTE: A falta que faz a falta

GURUPI-TO

2018

MARCIANA CARVALHO DA COSTA

DESAFIOS E SUPERAÇÕES DO ARTISTA DOCENTE: A falta que faz a falta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins –
Campus Gurupi, como exigência à obtenção do
grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Ma. Marli Fernandes
Magalhães.

**GURUPI – TO
2018**

COSTA, Marciana Carvalho da

Título: **DESAFIOS E SUPERAÇÕES DO ARTISTA DOCENTE: A falta que faz a falta**

Marciana Carvalho da Costa – Gurupi-TO, 2018.

47 fls.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi-TO, 2018.

Orientadora: Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães.

1. PIBID/Teatro. 2. Aprendizagem. 3. Coletivo. 4. Cumplicidade. 5. Respeito mútuo

MARCIANA CARVALHO DA COSTA

DESAFIOS E SUPERAÇÕES DO ARTISTA DOCENTE: A falta que faz a falta

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins –
campus Gurupi, como exigência à obtenção do
grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Ma. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Esp. André Luiz Moura Siqueira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Aos meus filhos e netos.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha família primeira, pais e irmãos, e minha família segunda, que são meus filhos, Ricardo Costa Ribeiro, meu primogênito, por sempre me instigar a seguir em frente, quando muitas vezes quis desistir, Mariozan Alves Ribeiro Filho, filho segundo, pela paciência que teve, ao me vê chorar, e sempre me acalentando com uma palavra de amor, e minha filha caçula, Luanna Costa Ribeiro, que indiretamente me fez ter força para chegar até aqui.

Agradecendo também minha família terceira, meu amigo, e companheiro de jornada Wesley Pereira Mariano, por ter me acordado a tempo, fazendo de mim sua parte e sendo a minha melhor parte, pela paciência que teve nos momentos de crise, por estar ao meu lado agregando a mim conhecimento, por ser minha coluna, por ter passado muitas noites em claro, muitas vezes, guardando seus problemas no bolso e com um sorriso ajudando a resolver os meus. Gratidão meu amor, sem seu apoio tudo isso não seria possível.

Aqui ficam também meus agradecimentos aos meus mestres, que com muita, mas muita paciência e dedicação pelo que fazem, tornaram essa fantasia real: Marli Magalhães, minha orientadora, que por muitas vezes, durante as aulas de orientações desse trabalho, me deu puxões de orelha, e quase me deixa de castigo na cadeira do pensamento(risos), Brenno Jadvas, por ter sempre um sorriso no rosto até para dar bronca, Nelito, por ter transferido a mim, o gosto por fantoches, bonecos, marionetes, a imersão nesse novo mundo, me trouxe uma paixão que pensava não ter pelo palco. André Moura pela calma. Taion Tawera, obrigada pelo retorno antes de minha saída, pois pensei que não teria o prazer de tal conhecimento, desde o primeiro período você tem minha admiração. Edna Pinho, professora que merece ser estudada, pois sempre com um sorriso no rosto, nos afeta com seu brilho, agradeço a você, pelo sorriso e pelas palavras de apoio. Adailson Costa, mesmo tão cedo, chegou agregando a mim um pouco de si.

Gratidão e axé.

“Há um ditado chinês que diz que, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando um pão, ao se encontrarem, eles trocam os pães; cada um vai embora com um. Porém, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando uma idéia, ao se encontrarem, trocam as idéias; cada um vai embora com duas.

Quem sabe, é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir idéias, para todos terem pão..”.

Mario Sergio Cortella

RESUMO

Esta pesquisa teve origem durante a minha permanência como bolsista do programa PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), e estagiária, enquanto graduanda do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Tocantins – *Campus* Gurupi (IFTO). A mesma suscitou o desejo de relatar as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado III – Regência e a permanência enquanto bolsista no subprojeto PIBID/Teatro, intitulado: “Encenando o texto e outras imagens”, sob a perspectiva dos desafios e superações, de trabalhar uma peça teatral partindo do princípio da compreensão do texto, e adaptação do mesmo. Em instituições distintas, onde se tinha o IFTO *Campus* – Gurupi, como local de estágio e a Centro de Ensino Médio de Gurupi (CEM), como parceira do subprojeto, todas tendo como público alvo o 1º Ano do ensino médio. Objetivava-se inserir os estudantes, não somente no universo do palco, mas também no universo por “detrás das cortinas”, que é tão importante quanto. Trabalhando a aprendizagem através do coletivo, cumplicidade e o respeito mútuo. O presente relato terá foco através da experiência ocorrida no período de agosto a dezembro de 2017. Esse relato de experiência apresentará ao leitor o trabalho desenvolvido nas instituições de ensino supracitadas. “A falta que faz a falta”, foi primordial para a escrita desse trabalho. Todo processo, desenvolvido com os estudantes, trouxe clarezas de algumas inquietações sobre como ser uma arte educadora, e que tipo de professora seria. Para que chegasse a tal compreensão, foram utilizados estudos através de autores que discorrem sobre tais questões, questões essas que me afligiam desde o primeiro momento que se teve contato com a realidade escolar.

Palavras-chave: PIBID/Teatro. Aprendizagem. Coletivo. Cumplicidade. Respeito mútuo.

RESUMEN

Esta investigación tuvo su origen durante mi permanencia como becaria del programa PIBID (Programa Institucional de Beca de Iniciación a la Docencia), y pasante, como graduada del Curso de Licenciatura en Artes escénicas, del Instituto Federal de Educación, Ciencias y Tecnología de Tocantins - Campus Gurupi (IFTO). La misma suscitó el deseo de relatar las experiencias vivenciadas durante la etapa supervisada III - Regencia y la permanencia como becaria en el subproyecto PIBID / Teatro, titulado: "Enlazando el texto y otras imágenes", desde la perspectiva de los desafíos y superaciones, de trabajar una pieza teatral partiendo del principio de la comprensión del texto, y adaptación del mismo. En instituciones distintas, donde se tenía el IFTO Campus - Gurupi, como lugar de práctica y el Centro de Enseñanza Media de Gurupi (CEM), como socio del subproyecto, todas teniendo como público objetivo el 1º Año de la enseñanza media. Se pretendía insertar a los estudiantes, no sólo en el universo del escenario, sino también en el universo por "detrás de las cortinas", que es tan importante como. Trabajando el aprendizaje a través del colectivo, la complicidad y el respeto mutuo. El presente relato tendrá foco a través de la experiencia ocurrida en el período de agosto a diciembre de 2017. Este relato de experiencia presentará al lector el trabajo desarrollado en las instituciones de enseñanza antes citadas. "La falta que hace la falta", fue primordial para la escritura de ese trabajo. Todo proceso, desarrollado con los estudiantes, trajo claras algunas inquietudes sobre cómo ser un arte educativo, y qué tipo de profesora sería. Para que llegara a tal comprensión, se utilizaron estudios a través de autores que discurren sobre tales cuestiones, cuestiones que me afligían desde el primer momento que se tuvo contacto con la realidad escolar.

Palabras clave: PIBID / Teatro. El aprendizaje. Colectiva. La complicidad. Respeto mutuo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01.....	25
FIGURA 02.....	27
FIGURA 03.....	34
FIGURA 04.....	38
FIGURA 05.....	38
FIGURA 06.....	43
FIGURA 07.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.RELATO DE EXPERIÊNCIA: PIBID/ARTES CÊNICAS, uma graduação dentro de outra.....	13
2.ESTÁGIO III-REGÊNCIA: o aprender fazendo.....	17
2.1. Era uma vez...contação de história no 3º bimestre.....	18
2.2. Improvisando no 4º bimestre.....	19
2.3. O processo de encena(ação).....	22
3.PIBID/Teatro: primeiro contato.....	28
3.1 Entrando no mundo da fantasia real.....	30
3.2. Encenando o texto.....	36
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5.REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, traz o relato de experiências durante minha trajetória acadêmica, e a permanência como bolsista do programa PIBID. No período entre agosto de 2017 a dezembro do mesmo ano, e qual foi a fundamental importância dos dois como agregador de saberes. A experiência aqui relatada não será de forma comparativa, mais de troca de conhecimento, sobre certas inquietações de como atuar em sala, desafios e superações de como ser uma artista docente e agregação de valores positivos, para uma futura profissional. Relatar essa experiência, não seria de outra forma se não em primeira pessoa, devido, os sentimentos acometidos que só a pessoa que vivenciou pode descrever.

Durante quase todo processo acadêmico, sempre tive meu lugar de sossego, o que acarretou uma certa falta de experiência a respeito de certas coisas que ali aconteciam, logo no primeiro período, já identifiquei que o palco não era um bom lugar para mim, não tinha nenhuma familiaridade com aquele espaço. Pensei logo, na primeira experimentação em desistir do curso. Observava meus colegas, cheios de tanta euforia quando subiam no palco, chegava a pensar que eles deveriam ter algum “problema”, eu não entendia o que acontecia ali, o que fazia daquele lugar, um lugar mágico. Essa certa distância que queria manter do palco, levei junto comigo para o subprojeto PIBID/Teatro, e também para o estágio.

No caminhar com a iniciação à docência, fui sempre tentando me esquivar de todo o fazer teatral, dessa forma sempre ficando como coadjuvante, mas não deixando com isso de participar indiretamente desse universo. Pois com certas habilidades que tinha de confeccionar coisas, sempre que meus colegas precisavam estava ali pronta para ajudar. Quase chegando ao fim da minha permanência como bolsista do subprojeto e de minha graduação acadêmica, foi que percebi que deveria mudar de atitude, não teria mais como fugir nesse universo, o estágio de regência tinha chegado até a mim, mesmo com incertezas de como atuar em sala. Percebendo que havia chegado a hora de sair da zona de conforto e enfrentar meus medos, dei início ao primeiro contato solo com estudantes da escola parceira do subprojeto e estudantes da instituição de estágio, foi uma experiência única, através da mesma percebi a falta que faz a falta.

As turmas trabalhadas foram estudantes do 1º ano do ensino médio, no mesmo período. O IFTO *Campus* - Gurupi, foi onde se realizou o estágio III, com estudantes das aulas de Artes Visuais, onde o Professor Supervisor de Estágio, Professor Esp. Manuel Tomaz Ataíde Júnior, concedeu uma turma para ser trabalhada, dando a liberdade de planejamento de aulas voltados para o teatro. No Centro de Ensino Médio de Gurupi (CEM), foi formado um

grupo de estudantes pela Professora de Português e Supervisora do subprojeto PIBID/Teatro, Wânia Pimentel Leite, dentro da escola, que seria trabalhado no contraturno das aulas ministradas por ela.

A metodologia empregada foi a documental, exploratória, resultando em um relato de experiência, sobre o processo da montagem de uma peça teatral com os estudantes. Durante o processo, todo o trabalho foi observado, registrado e analisado, com a utilização do diário de bordo, e relatórios de estágio, onde sempre pode-se voltar no tempo e analisar os pontos negativos e positivos sobre o processo de construção do trabalho.

No primeiro capítulo, será discorrido sobre uma formação dentro da outra, PIBID e Artes Cênicas. Pois tive o privilégio de ingressar nessas duas modalidades de ensino, e tendo o término das duas no mesmo ano. E quais as diferenças e semelhanças das duas instituições de ensino.

No segundo capítulo, serão minhas experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado III, tendo o IFTO como local de estágio, com estudantes do 1º Ano do ensino médio integrado ao curso técnico de Agronegócio, e os desafios enfrentados pela primeira vez. Os relatos, sobre o que acontecia a cada proposta lançada, as expectativas, as frustrações, esse registro diário foi um facilitador para perceber o desenvolvimento crescente e decrescente de cada estudante e da própria graduanda que vos fala, e dos trabalhos que estavam sendo desenvolvidos. No terceiro capítulo o PIBID/Teatro na escola, com também desafios enfrentados pela primeira vez, desafios esses que me trouxeram inquietações sobre o artista docente. Por fim, as considerações finais.

1. RELATO DE EXPERIÊNCIA: PIBID/ARTES CÊNICAS, uma graduação dentro de outra.

Em 2014 ingressei no curso de Licenciatura em Artes Cênicas e no programa PIBID/Teatro, intitulado como subprojeto: “Encenando o texto e outras imagens”, vinculado com o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Tocantins, *Campus – Gurupi*, por se tratar de uma interdisciplinaridade entre a língua portuguesa e o teatro, com intenções de colaborar juntamente com a instituição que está inserido e com a escola parceira, praticando a iniciação à docência dos discentes do curso de Artes Cênicas, pois conhecer o universo escolar, ter a oportunidade de experienciar à docência, se inteirar da atmosfera que compõe toda a estrutura de uma escola, seria de extrema importância, para os futuros profissionais.

Enquanto eram ensinados as teorias e práticas na área do teatro no Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas, o subprojeto, transmitia o conhecimento com teorias e práticas voltados a escola e para a escola parceira. Duas competências distintas, mais de suma importância, e as duas experiências me levaram ao mesmo ponto, que são, teoria e prática, como atuante de preparação de um profissional promissor. O que aponta Anna Cecilia de Moraes Bianchi, em seu livro: “Orientação para o estágio em licenciatura”, abordado pelo Professor de Estágio, Brenno Jadvas Soares Ferreira, onde ela diz que:

Essa complementação de estudos, prevista há tanto tempo, retorna a nós e, com base em legislação que a regulamenta, tornou-se obrigatória nas instituições de ensino. “Aprender fazendo”, aliar a teoria à prática é marca da educação atual no mundo todo. Em qualquer época, desde que se tenha por objetivo o aperfeiçoamento para os exercícios de cargos ou funções, torna-se imprescindível que a prática se alie à teoria, em qualquer profissão. (BIANCHI, ALVARENGA. BIANCHI. 2013, p. 02).

E essa complementação se deu através da disciplina de Estágio, e o programa PIBID. o “aprender fazendo”, resultante da teoria e prática, se condiz com a ação e reflexão contínua, principalmente na profissão professor. E essas primeiras observações servem para entendermos tais questões. Segundo Bianchi: “Na Licenciatura, o aluno, depois de permanecer tempo suficiente para conhecer o funcionamento da instituição em que estagiará, terá oportunidade de elaborar um projeto para seu trabalho, o que lhe trará segurança para observações” (BIANCHI, ALVARENGA, BIANCHI. 2013, p. 05).

Na graduação do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, temos quatro fases que são voltadas para a experiência dentro da escola, que são os estágios supervisionados, que se iniciam no 4º período do curso, com termino no 7º período, com uma culminância do resultado do projeto de intervenção desenvolvido pelos estagiários.

E essa permanência tem sua importância observada nas aulas de Estágio, segundo Bianchi: “A realidade para futuros professores está em situações vividas nas salas de aula, na biblioteca e nas salas de professores, no conhecimento dos planos gestores, na participação da recuperação de alunos e em projetos, entre outras atividades” (BIANCHI, ALVARENGA, BIANCHI. 2013, p. 06). Essa realidade foi possível no PIBID, onde éramos tratados como igual, o que muitas vezes isso não acontece no estágio.

No estágio aprende-se o estrutural da escola, todo seu funcionamento, através das observações realizadas durante os dois primeiros períodos de estágio, e isso faz com que possamos entender um pouco o que acontece por trás das cortinas, porque vejo a escola. assim como vejo o teatro, o que as pessoas as vezes desconhecem são as dificuldades, os problemas

e a forma encontrada para resolver tais questões, e quando as cortinas se abrem, referente também à escola, muitos não percebem todo o esforço, para a concretização daquele trabalho e muitas vezes só recebem críticas.

Tanto o subprojeto PIBID/teatro, como o Estágio Supervisionado, tem como característica principal colocar o licenciando frente a frente com a realidade que o espera, aqui é o ponto onde se insere a prática, cabendo a ele conhecer seu futuro ambiente de trabalho, encontrar metodologias adequadas para uma melhor execução de suas atividades dentro da sala de aula. Os medos, as aflições de não estar pronta, era decorrente, e tais questões não cabiam ali, por isso a importância da junção entre teoria e prática durante esse processo. Por, mais que queiramos mais teorias sobre como atuar, não a faremos com excelência se não atuarmos.

Usando como base, a teoria e prática, medos e aflições, ação e reflexão, o “aprender fazendo”, que se deu o ponta pé inicial, que fora elaborado o presente trabalho, utilizando como fonte anotações recorrentes a discussões nas reuniões de estágio e PIBID/Teatro, com coordenadores de área e com colegas de graduação. Reuniões essas que foram pertinentes, pois a troca de conhecimentos positivos e negativos foram de grande valia, para entrever em relação ao processo e metodologia desse trabalho.

Tais experiências entre esses dois mundos, o da graduação nas Artes Cênicas e da iniciação à docência no PIBID, foram de extrema importância para escolhas futuras. Levando como consequência, a inserção do universo teatral, aos estudantes do ensino médio. Trazendo não só uma rica experiência para os estudantes, mas também para mim, que estava imersa nesse universo.

Esse relato é do último semestre do PIBID na escola e do final de minha graduação em Artes Cênicas, durante o estágio. Não se pode deixar de falar sobre as influências durante esse percurso. Os atuais Coordenadores do subprojeto: “Encenando o texto e outras imagens”, a Professora Ma. Solange Cavalcante de Matos, o Professor Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira, o Professor Esp. André Luiz Moura Siqueira, quando ainda coordenador, a Professora Supervisora na escola Wânia Pimentel Leite. E no IFTO *Campus* – Gurupi, a orientadora de Estágio a Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães, e o Professor Esp. Manuel Tomás Ataíde Júnior, que era responsável pela turma, onde tiveram um papel importantíssimo, durante esse último trajeto como bolsista e graduanda.

Se ouvia muito, através de relatos dos colegas durante reuniões no subprojeto, e nas aulas de estágio, que as escolas não estavam preparadas para nos receber, não tinham

estrutura adequada para que nós, futuros docentes de artes, pudéssemos fazer um trabalho de qualidade. Não tem isso, não tem aquilo e etc, era esse o discurso que ouvíamos.

De tanto ouvir pode-se acreditar, mas acredita-se que é para isso que se existe o Estágio I de Observação da estrutura e funcionamento da escola, pois para reclamarmos temos primeiramente que conhecer, e a importância desse estágio é fundamental. Não haverá talvez nenhuma escola sem problemas, Saturnino de la Torre no livro; “Uma escola para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação” ressalta: “[...] problemáticas e desejos de melhora são, pois, dois motores importantes de toda mudança inovadora. A busca da qualidade sustentável é sem dúvida esse resultado proveniente da consciência da problemática percebida e de desejos de melhora. [...]” (TORRE, 2009, p. 19). Segundo a essa problemática que o livro aponta, que seria o desejo de melhoras, consiste em dizer que não adianta termos somente críticas negativas do que já existe, mas sim resultados positivos para possíveis melhorias, criticar sem conhecer, talvez seja uma ação exercida por muitos.

Foi a partir da reflexão sobre vários aspectos que eram discutidos durante reuniões no subprojeto, quanto nas aulas de Estágio, e a cada uma, as dúvidas e incertezas aumentavam. E quando se tem, um ambiente escolar com todas as possibilidades exigidas para exercitar um bom trabalho? O problema e as críticas ainda serão pertinentes? Essas eram algumas perguntas inquietantes, como não obtida uma resposta clara, chegava então o momento de descobrir na prática. E é através desse relato de experiência vivenciado, por mim, que discorro o que foi observado no decorrer do processo.

Tive essa experiência entre esses dois universos, do ter ou não ter, tendo o IFTO *Campus* – Gurupi, como local de estágio com o ensino médio, durante minha graduação contendo uma boa base estrutural, como por exemplo, um laboratório de encenação, um Laboratório de Indumentaria Caracterização e Adereços (LICA), uma sala de dança, um anfiteatro, uma sala de materiais expressivos, onde pode se construir cenários e vários espaços externos, onde se pode trabalhar a criatividade dos estudantes e também o Centro de Ensino Médio de Gurupi (CEM), que não continha esse tipo de estrutura, porém conta também com estudantes do ensino médio, ambos foram dispositivos para investigação durante minha permanência como bolsista do PIBID.

Essas duas experiências foram registradas através de relatórios e diário de bordo, onde pode-se perceber que a falta de estrutura e a existência dela, não é o que faz a diferença para um trabalho de qualidade, mas sim as observações, a criatividade, a iniciativa os métodos utilizados pelo professor, e a escuta e respeito entre docente e discente. A esse respeito, Paulo Freire, (1996) argumenta que: “Não há docência sem discência” (FREIRE, 1996. p. 12). Para

ele não tem como sermos o único formador, isso enquanto sala de aula, ou na vida, e se essa troca de conhecimento de ideias for voluntária e respeitosa, gera em um só ser, vários volumes de conhecimento. Ele completa:

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o *formador* é o sujeito em relação a quem me considero o *objeto*, que ele é o sujeito que *me forma* e eu, o *objeto* por *ele formado*, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos conteúdos- acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *forrar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p. 12).

Com essa reflexão sobre quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender de Freire, que o convívio com meus orientadores, coordenadores e supervisores de estágio e PIBID, se tornaram mais proveitosos e agregadores. O aprender a aprender, nos leva a priorização de estudos contínuos, um professor nunca para de aprender, e é essa necessidade que nos instiga a adquirir novos conhecimentos e estratégias metodológicas, para uma abordagem mais consistente, onde o conhecimento não seja somente transmitido pelo professor, mas também presenciado, sentido, pelo estudante, e mais tarde ser usado em seu meio social.

2. ESTÁGIO III – REGÊNCIA: O APRENDER FAZENDO

Depois de conhecer todo o estrutural que sustenta uma instituição, entra-se no universo da sala de aula, o está parcialmente sozinho é intrigante e cheio de incertezas. Nos primeiros encontros percebi algumas complicações, apesar da empolgação dos estudantes, estava diante dos principais responsáveis pela continuidade ou desistência como futura professora, tive medo, medo esse que perdura até hoje. Pois percebi que em toda trajetória profissional, sempre terá a primeira vez. Dando seguimento sobre a teoria e prática abordada no primeiro capítulo, enfatizaremos sobre a teoria e prática voltada para o fazer teatral. O aprender fazendo.

No primeiro dia, a empolgação tomou conta e a certeza que faria um bom trabalho também, pois além do suporte da orientadora e o Professor da turma, que eram da

área de artes, tinha ali, um arsenal de trabalho inigualável, tendo o IFTO, com toda aquela estrutura, como local de estágio, agora sim, seria feito um trabalho de qualidade. Foram pensamentos acometidos com euforia, à espera do estágio III.

Quando chegou o momento da regência, houve duas reuniões, uma com a orientadora a Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães e outra com o Professor da turma, Manuel Tomaz Ataíde Júnior, essas reuniões foram importantes para agregação de conhecimento de quem já estava em função. A orientadora pediu a elaboração do plano de aula, que seria usado naquele semestre, e o supervisor entregou uma turma onde poderia se trabalhar o teatro, as aulas teriam que ser planejadas para o 3º e o 4º bimestre.

Foi preparado primeiramente o plano de aula para o 3º bimestre, os objetivos do plano de aula, seria trabalhar contação de história com a utilização de objetos e práticas com jogos de improvisação. Para o 4º bimestre os próprios estudantes enfatizavam na possibilidade de uma peça teatral, e eles já tinham uma em mente, seria a Bela e a Fera, já vieram com propostas de adaptação para o texto. Com base em suas inquietações, preparei o plano de aula, seguindo o cronograma, que em primeiro plano seria assistir ao filme A Bela e a Fera, o clássico infantil da Disney, logo após questionamentos em forma de debates para adaptação do texto. Com esses questionamentos do que poderia e o que não seria cabível ser adaptado, surgiram as dúvidas dos estudantes em respeito ao figurino e cenário. Deixamos para resolver esse problema conforme o andamento do trabalho.

2.1 Era uma vez... contação de história no 3º bimestre

Os estudantes foram divididos em cinco grupos de três, cada grupo teria que contar uma história com a utilização de objetos. Teriam que se organizar para elaboração de sua contação de história, seriam avaliados nos seguintes critérios, o trabalho em grupo, coletividade, compromisso, criatividade e o desenvolvimento da história.

Pedi aos estudantes que todos estivessem vestidos com roupas neutras, na apresentação, para que a plateia, que seria os próprios colegas, observassem a história sem possíveis distrações com o colorido das roupas. Antes da chegada da data para apresentação do trabalho, para melhor entendimento dos estudantes, foram realizadas apreciações de vídeos baixados no *youtube*. Vídeos curtos sobre contação de história com objetos, em especial os que eram apresentados no programa “Castelo Ra-Tim-Bum”, transmitido pela TV Cultura.

As histórias eram contadas com os mais diversos objetos, e era exatamente o que se pretendia que os estudantes entendessem, e como prática, foram utilizados alguns jogos de

improvisação, o mais pedido em todas as aulas de improvisação foi o jogo: “conte comigo”, onde três estudantes se uniam, de forma que ficavam abraçados, para contar uma mesma história improvisada, cada um falava uma palavra e o outro tinha que completar, assim dando à história improvisada começo, meio e fim. Os estudantes nesse dia fizeram até o Professor Supervisor entrar no jogo.

Foi utilizado também o uso de uma caixa contadora de histórias, onde eu mesma havia confeccionado, coloquei dentro dela vários objetos, como pente, desodorante, espanador, espelho, batom e outras coisas mais, e levei na aula seguinte. Pedi a eles que se sentassem no chão em círculo, e expliquei o jogo, depois da compreensão, onde um estudante colocaria a mão dentro da caixa e tiraria um objeto, e iniciaria uma história a partir do mesmo, quando se sentisse a vontade no decorrer da história inventada, passaria a caixa para o colega dizendo “E aí”, assim surgiu uma história bem engraçada que começou alegre e acabou virando terror, esse dia foi divertido, demos muitas gargalhadas.

No dia da apresentação os estudantes fizeram uso, dos próprios materiais escolares. Na hora da apresentação, os estudantes/plateias, ficaram observando atentamente, e a cada término de apresentação, eram feitos alguns apontamentos, por mim e pelos próprios colegas. Contaram histórias com temas diversos: “A galinha ruiva”; “Menina bonita do laço de fita”; “A menina que adorava infernizar”; “Os três porquinhos”; “Chapeuzinho amarelo”.

A percepção que se teve dessas aulas, foi o prazer que os estudantes tiveram para apresentar a proposta de trabalho, ao dar aos mesmos a liberdade de escolha de temas e quais objetos seriam utilizados por eles na contação daquela história, observei que a criação não imposta foi mais verdadeira.

2.2 Improvisando no 4º bimestre

Foram trabalhados alguns jogos teatrais voltados para sala de aula com a turma, pois o primeiro contato dos estudantes com atuação em cena não era pretendido que fosse de maneira que se intimidasse, naquele momento estavam dando o primeiro passo. Viola Spolin, ressalta: “A mesma revolução que ocorre com a criança em seu desenvolvimento pode ser acompanhada no crescimento do atuante em cena” (SPOLIN 2012, p.23). Assim como no palco vamos construindo os personagens pouco a pouco, desde pequenos gestos, qualidade e defeitos. Atentou-se que com o processo docente é a mesma coisa, já que os estudantes começam vergonhosos e vão se desenvolvendo pelo caminho, e isso se dá o nome de processo construtivo.

Com auxílio dos jogos teatrais houve preparação de corpo e voz para o palco. Os jogos de improvisação também foram utilizados como forma de preparação dos estudantes/atores, alguns jogos, que o enfoque era o improviso, foram passados em sala, alguns inspirados nas aulas de Improvisação II, ministrada pelo Professor Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira, onde trabalhava o Teatro Esporte, como metodologia de ensino, O Professor Brenno, nos observava a partir da junção dos elementos do improviso e a competição. Segundo ele:

Para assim poder analisar como a junção e adaptação desses elementos componentes da arte cênicas e da competição esportiva com base na improvisação contribuem para o desenvolvimento e aprimoramento das potencialidades criativas e reativas do ator no processo de construção da dramaturgia da cena, seja ela ensaiada ou improvisada. (FERREIRA, 2015, p. 19).

A partir dessa percepção de método aplicada pelo professor, onde ele enfatiza o aprimoramento das potencialidades criativas que o uso do Teatro-Esporte pode trazer para a construção de uma cena, foi que dei início a preparação dos estudantes/atores através do jogo, mas não muito aprofundado como deveria ser devido ao pouco tempo que tínhamos em sala.

Separei duas equipes, todos participaram, e queriam mais, alguns já conheciam o Teatro-Esporte e amavam, segundo eles não havia nada melhor do que o Melodrama e o Teatro-Esporte, dentro da instituição, e me pediam para que as aulas fossem somente assim. Foi cogitado essa possibilidade, mas eu não tinha propriedade suficiente para dar aula sobre Melodrama e Teatro-Esporte um período inteiro. Devido à timidez alguns não foram tão participativos durante o processo. A escolha da sala de dança como local para as aulas, não ajudou muito, pois os estudantes só ficavam se observando no espelho, fazendo com que muitas vezes as aulas fossem interrompidas para chamar a atenção.

As aulas de improvisação foram proveitosas, percebeu-se o quanto nos falta tempo para sermos crianças, os estudantes tiveram dificuldades de interpretar uma criança de 8 anos, de brincar com coisas simples que eram propostas.

Interessante foi a resposta de alguns quando perguntei; “qual a dificuldade?” “Professora, você tem que entender que não temos tempo de ficar recordando o tempo que éramos crianças, e assim do nada fica mais difícil ainda”. Não soube lidar muito bem com isso, no momento fiquei sem ação, eram atitudes inesperadas.

Não era o planejado, meu plano de aula era começar a trabalhar com a memória emotiva, método de STANILAVSKI (2010), que traz, de uma maneira compreensiva, tudo que temos de recordação dentro de nós, isso é preciso para dar início as correções necessárias. De voltar ao começo de tudo, se corrigindo e aprendendo, novamente como andar, sentar ou

deitar. Se reeducar nos traz uma firmeza, passamos a ter um olhar profundo sobre as coisas ao redor, passamos a ver as coisas com mais realidade, a escutar e ouvir com clareza a si e ao outro.

Eles não estavam interessados sobre teorias de práticas de um homem de nome estranho que eles não faziam questão de conhecer. Como eu poderia dizer que eles estavam errados por ter esse tipo de pensamento, se eu mesma, muito das vezes não gostava de teoria, e sim das práticas. A cada término de aula, vinha vários pensamentos, de como poderia alguém que se dizia não gostar de nada, passar com verdades o que se pretendia ensinar. Partindo dessas inquietações, voltamos ao assunto sobre teoria e prática, percorrido no capítulo 1, sobre essa importância, no domínio do teatro, Josete Féral, (2004) aponta que:

Se este for o caso, que diferença podemos fazer então? entre teoria e prática artística? Porque você tem que admitir tudo o que está sendo dito sobre a teoria é aplicado da mesma maneira a prática. Prática, pelo menos no domínio do teatro, é também o lugar de um confronto de conhecimentos, de atrito de vários conhecimentos emprestados de diferentes domínios e de experimentação desses mesmos conhecimentos sobre uma obra no processo de criação. Um diretor de palco, por exemplo, confrontado para um texto que vai montar, ele estuda de diferentes ângulos e levanta questões diferentes que permitem descobrir todos os sentidos possíveis. (FÉRAL, 2004, p.40-41¹ Tradução nossa).

Segundo Féral, não existe teoria sem prática, mesmo sendo distintas uma acompanha a outra, e quando diz que a teoria e prática no teatro tem um confronto, entende-se que, é esse o confronto que uma atuação precisa, e é considerado essencial para agregação de conhecimento existentes dentro de um processo de criação. Féral, nessa mesma perspectiva completa:

Se nos esforçarmos por um momento para analisar as coisas sob outro ângulo e nos perguntar qual é o objetivo final do dramaturgo e teoricamente, você não poderia dizer que cada um à sua maneira tenta entender, analisar e, em suma, traduzir o mundo que o rodeia? (FÉRAL, 2004, p. 42² Tradução nossa).

¹Si este es el caso, ¿qué diferencia podemos establecer entonces entre la teoría y la práctica artística? Porque, hay que reconocerlo, todo lo que se viene diciendo de la teoría se aplica de la misma manera a la práctica. La práctica, al menos en el dominio del teatro, también es el lugar de una confrontación de saberes, de fricciones de conocimientos diversos tomados en préstamo de diferentes dominios y de experimentación de esos mismos saberes sobre una obra en curso de creación. Un director de escena, por ejemplo, confrontado a un texto que va a montar, lo estudia desde diversos ángulos que suscitan distintos interrogantes que le permiten descubrir todos los sentidos posibles. (FÉRAL, 2004, p.40-41)

² “Si nos esforzamos por un momento en analizar las cosas bajo otro ángulo y preguntarnos cuál es el objetivo final del teatrante y del teórico, ¿no se podría decir que cada uno a su manera intenta comprender, analizar y, en suma, traducir el mundo que lo rodea?” . (FÉRAL, 2004, p. 42)

O que aponta Féral, quando faz essa pergunta é que com essas inquietações de querer entender, analisar para depois traduzir, isso é observado como prática em cima de teorias que serão estudadas para chegar a um ponto de partida. Ela completa:

O homem de teatro faz isso com sua encenação, o pintor com suas pinturas, o coreógrafo com suas coreografias. Cada um interpreta coisas à sua maneira, dá uma resposta às perguntas que formula apreender, interpretar, analisar e produzir, dependendo de sua visão específica, o que é oferecido à sua percepção. (FÉRAL,2004 p.42³Tradução nossa).

Depois de muitas reflexões sobre como atuar em sala, ministrando aulas teóricas e práticas, cheguei à seguinte conclusão de que referente ao fazer teatral a teoria é primordial e a pratica essencial, não tinha como gostar de uma mais que a outra, nesse universo da fantasia real elas andam juntas. Para gostar de ambas não teria como, se não me aprofundar nas teorias de grandes estudiosos do fazer teatral, e meu erro estava em querer repassar somente e exatamente o que foi aprendido em sala, como cópia, como reprodução de algo que foi transmitido pelo professor, que ressignificou o que foi aprendido e transmitiu à sua maneira. Eu tinha que reformular minha estratégia de estudo sobre essas teorias, para depois ao meu modo, produzir novas práticas. Com essa percepção, além do que foi absorvido em sala, fui em busca de mais aprofundamento sobre o assunto que seria trabalhado com os estudantes, com isso reavaliando meu plano de aula.

2.3 O processo de encena(ação)

O Professor ministrante de aulas na turma, Manuel Tomás Ataíde Júnior, havia me concedido a liberdade de trabalhar a linguagem teatral com os estudantes, pediu-se que fizesse um plano de aula abordando o método avaliativo, que seria a montagem de uma peça teatral com uma apresentação, como prova final, os estudantes seriam avaliados através do trabalho em grupo, colaborativo, desempenho, criatividade e compromisso.

Seguir a passos lentos era o propósito, pois foi através de uma aula de Metodologia do Ensino do teatro, com a Professora Ma. Marli Magalhães, que percebi o quanto esse método é importante para o crescimento do estudante/ator, enquanto palco. Mudei um pouco meu plano de aula, ou melhor dizendo, tudo. Mas, continuei com a memória emotiva, utilizando como estratégia o método ao contrário, como um jogo. Constantin Stanislavski nos diz que:

³El hombre de teatro lo hace con sus puestas en escena, el pintor con sus cuadros, el coreógrafo con sus coreografias. Cada uno interpreta las cosas a su manera, da una respuesta a los interrogantes que se le formula. Aprehende, interpreta, analiza y produce, em función de su visión específica, lo que se ofrece a su percepción. (FÉRAL,2004, p. 42)

Mas se infringirmos as leis da vida orgânica normal e deixarmos de funcionar certo, então esse subconsciente sensibíllissimo assunta-se e vai-se. Para evitar que isto aconteça, planejem primeiro o papel conscientemente e depois representem-no com veracidade. (STANISLAVSKI, 2010, p. 44).

Pegando esse caminho retomei as aulas, e dessa vez o local foi diferente, o processo ocorreu no Laboratório de Encenação, pedi para que se sentassem no chão em círculo e fechassem os olhos por alguns segundos e prestassem atenção na minha voz e o que eu dizia, pedi que imaginassem como eles estariam daqui há 30 anos e depois todos abrissem os olhos e um por vez fosse ao centro da roda e representasse para todos, em forma teatral e assim aconteceu. 30 anos caindo até chegar na infância, foi observado que dessa forma eles conseguiram lembrar a sua infância, lembraram até mesmo do cheiro do bolo da sua avó, dos castigos por ter feito algo de errado, do gosto do algodão doce no parque, colocando essas ações na cena que estavam interpretando. Percebi que o método utilizado havia funcionado seguindo o novo planejamento de aula, que foi preciso ser ressignificado para melhor entendimento e funcionamento dos estudantes/atores.

A proposta do tema já havia sido escolhida por eles, e como método avaliativo seria uma montagem colaborativa, pensando a integração do grupo, o respeito mútuo e realizações de tarefas coletivas. A escolha foi “A Bela e a Fera”, o primeiro passo foi trazer o filme para que eles assistissem, e a preferência de todos, foi surpreendente, a escolha foi do clássico em animação da Disney, e na aula seguinte começamos a assistir, foram dois encontros para finalizar o filme e só houve comentários no final do último encontro de apreciação do mesmo. Foi feito um debate em sala, onde cada estudante falou sobre suas observações e para minha surpresa os papéis de cada personagem já estavam definidos, cada um já sabia o que queria representar.

As aulas seguintes foram somente para a adaptação do texto. Primeiramente tínhamos que resolver um problema, devido a turma ter mais meninas do que meninos, faltou um menino para representar o pai de Bela, foi direcionado que os estudantes trouxessem para a próxima aula, ideias cabíveis de resolução desse problema. Na semana seguinte, eles trouxeram ideias, com possíveis soluções, onde, em vez de ter um pai a Bela teria uma mãe.

Terminado a adaptação do texto, que continha como personagens, a Fera, a Bela, a mãe, o Relógio, o Castiçal, o Espanador, a Bruxa, a Xícara e o Bule. Pois alguns dos estudantes queriam ficar com a parte técnica, devido a isso, ficou acordado que depois das

primeiras experimentações de ensaios iria ser definido quem ficaria responsável por cada função, sendo elas, figurinos, cenário, e materiais necessários para a execução dos mesmos.

Os próximos encontros foram os ensaios, como só tínhamos uma aula para se explorar tudo, o tempo não corria a nosso favor, ou ensaiávamos ou prepararíamos os figurinos e cenário. A respeito da falta que faz um tempo necessário, Gianni Ratto (1999) aponta que:

Não há dúvida de que o ideal seria poder trabalhar sem a preocupação angustiante com o tempo que separa o ensaio da bilheteria. Essa exigência do prazo marcado, essa angústia de ter que chegar lá de qualquer maneira castram o que deveria ser uma possibilidade e não uma imposição. Tempo, tempo, tempo. É de tempo que o trabalho preparatório precisa. Não há dúvidas de que a genialidade, a inteligência, a criatividade supre essa falta de tempo, mas a verdade é que, pelos limites de tempo e de dinheiro, nossa cozinha teatral é mais um *fast-food* [...]. (RATTO, 1999, p. 123).

No nosso caso, era o tempo marcado para conclusão do bimestre, só tínhamos uma aula por semana, e não havia possibilidade nenhuma de encontros fora do período de aulas, os estudantes estavam sobrecarregados com as outras disciplinas. Devido a essa falta de tempo, muitos não iam e assim ficou difícil os ensaios, faltando personagens, partindo de algumas aulas sem resultados positivos. Uma proposta foi feita pelos próprios estudantes, onde eles mesmos haviam percebido que o processo não estava tendo êxito e que suas notas dependiam de seu bom desempenho.

Os estudantes reavaliaram seus horários e propuseram de nos encontrarmos, fora do horário de aula, onde ganharíamos mais uma hora para ensaios e confecções de figurinos e adereços. Eles tinham a segunda-feria à tarde no horário das 16:00 às 17:00, esse horário vago, bom, não tão vago assim, esses horários eram destinados para os estudantes tirarem dúvidas sobre algumas matérias. Percebeu-se que eles queriam, que tentaram, mas novamente, as práticas realizadas fora do horário de aula também não deram resultados, causada pela falta de muitos dos estudantes, voltando novamente o dia de aula normal.

Além desse contratempo, tivemos dispersão de alguns estudantes durante os ensaios, eu não soube nesse momento se essa falta de interesse por parte deles foi devido a tantas tentativas fracassadas, de querer ter mais tempo para a realização desse trabalho. Eles estavam empolgados no início, cheios de ideias criativas, para a montagem da peça, o que se via em cada aula era algo que murchava, ficando sem vida, sem cor, somente queriam vestir o figurino e apresentar, figurino esse que eles não faziam mais questão de confeccionar, por causa da falta de “tempo”.

Eu estava ali à espera que cada um viesse e falasse o que pensou de figurino para seu personagem, foi difícil, novamente entrei em crise, muitas vezes me perguntei se o erro estava

em mim, e depois de algumas reflexões percebi que estava, pelo simples fato de ter apostado alto demais no meu primeiro contato com a realidade escolar. Mesmo assim continuei, foram dias de frustrações e aprendizado, para ambos. Por muitas vezes, o Professor Supervisor teve que intervir, perguntando a eles o que lhes estavam faltando, qual era o problema. E por incrível que pareça eles disseram que não estavam gostando de ensaiar em um lugar pequeno, que talvez fosse por isso que o trabalho não estava fluindo como deveria, queriam ensaiar no Anfiteatro, e assim mais uma vez mudamos de lugar.

Com tantas idas e vindas, com tantos espaços, mas com pouco tempo, houve boas intenções e criatividade, as vezes iniciativas por parte dos estudantes e da minha, para as aulas de montagem de cenário e criação de figurinos. Como não havia recurso disponível para a realização desse trabalho, procurei técnicas para a confecção do cenário utilizando materiais descartáveis, e ressignificação dos figurinos já existentes no LICA. Os estudantes que ficaram responsáveis por essa parte, chegaram a levar várias caixas de papelão, mas que não foram utilizadas devido à falta de cola, pois o que nós conseguíamos não era o bastante.

FIGURA 01: Peças confeccionadas com papelão e E.V.A



Acervo próprio

A foto acima mostra algumas das peças confeccionadas para a composição do cenário. Chegando o dia da apresentação, nada estava pronto, mesmo na correria fui em busca de alguns materiais por conta própria, para finalizar alguns acessórios, que compunham

personagens da obra como: a cúpula da rosa, a rosa, um escudo e dois machadinhos medievais, feitos de papelão e E.V.A, uma pequena mesa também confeccionada com papelão, as velas das mãos e cabeça do “Lumièr”, os espanadores, feitos de papel e tinta, os chifres e máscara da Fera. Iniciei a estante de livros e alguns livros feitos de papelão e isopor, mas não deu tempo de terminar devido à falta de materiais para finalização, como cola e tinta. Tudo realizado muitas vezes no IFTO, com a ajuda dos demais estudantes, e outras em minha casa. Enquanto isso pedi aos estudantes/atores que estavam em cena que focassem nos ensaios, sempre que tivessem um tempinho disponível, pois a apresentação seria na semana seguinte.

Mesmo com tantas disponibilidades de espaço físico, mesmo com tanta possibilidade de escolhas, foi nítido perceber, não digo a falta de interesse, mas a falta de presença dos estudantes. Percebi também que eles se dedicaram fortemente nessa última semana de ensaios finais do que durante todo o processo.

Durante essa última semana de preparação final para a apresentação, eu sempre perguntava para cada um se estavam precisando de alguma coisa, a estudante que interpretava a Bela dizia que estava tudo sobre controle e que só iria me mostrar os seus figurinos na hora, que seria uma surpresa, a mãe da Bela e a Feiticeira também, depois disso fiquei mais nervosa ainda, eu não gosto de surpresas. Perguntei ao núcleo dos objetos, Lumier, Relógio, Espanador, Bule e Xícara, se estava tudo tranquilo, também a respeito dos figurinos e eles disseram que sim, que eu não precisaria me preocupar, quando eles diziam isso, me deixavam mais preocupada ainda.

No dia da apresentação, para o meu desespero, ficaram em busca dos mesmos, ou melhor dizendo, na hora da apresentação. Como suporte foram a minha procura, desesperados, ficando eu desesperada também. Quando me disseram que não tinham nada, fiquei estática por um segundo, corremos em direção ao LICA.

Por não encontrar nada que servisse, teve estudante que apresentou a peça vestido com a camiseta do curso, outros usaram um pedaço de TNT, como capa para a feiticeira e a Fera, o Bule não tinha nada, improvisei uma saia com alguns pedaços de tule amarrando-os em uma tira de barbante. Enquanto eles enlouqueciam de um lado eu enlouquecia de outro, pois eu havia me esquecido de pedir ao Professor Supervisor que agendasse os canhões de luz, *notebook* e caixa de som para aquele dia, para o meu desespero, só havia um canhão disponível. Chegou-se a finalizar algumas coisas do cenário que tinha sido planejado, mas o tempo e dinheiro para material, não foi o bastante.

FIGURA 02: Cena da peça A Bela e a Fera

Acervo próprio

Na foto acima percebe-se que não houve busca de cenário e figurino bem mais detalhados como havia sido planejado com eles, causando a mim frustrações. Finalizamos a peça “A Bela e a Fera”, foi difícil, eles mesmos perceberam as falhas, a falta de presença e o desafio de apresentar para outros algo inacabado. Depois da apresentação, tivemos uma roda de conversa e reflexão, a respeito de todo processo realizado, e de como eles se sentiram antes, durante, e depois da apresentação.

Perguntei a eles se haviam gostado do que tinham acabado de vivenciar e qual tinha sido a sensação. Responderam praticamente em coro, que tinham gostado, mas poderia ter sido melhor, e que a sensação que ficou foi de querer repetir, só que dessa vez com mais responsabilidade com o tempo que se tinha. Uma das coisas que foram mais pontuadas por eles, foi que eu deveria levar em consideração a inexperiência deles a respeito do “atuar” e de tudo que envolvia uma apresentação teatral, e a falta de tempo e desencontros que tiveram para a construção do mesmo, na hora que eles fossem avaliados. A respeito de tal consideração Ratto (1999) diz que:

[...] se o teatro, no seu sentido total, significa realização de um convívio, este convívio deveria nascer no momento em que, numa primeira leitura, nos preâmbulos, nas primeiras tentativas, uma comunidade se reúne para se preparar para o contato que mais tarde terá com outra comunidade. Experiência, euforia, anseios, criatividade, insegurança, esperança, receios, entusiasmo, paixão, tudo deveria levar a um trabalho de conjunto, o que nem sempre acontece. A realidade é mais melancólica. O cenógrafo trabalha de um lado, o figurinista de outro, os atores estudam os papéis, o diretor manda e, no final, não se sabe por qual alquimia misteriosa o espetáculo aparece. [...] (RATTO, 1999, p.123).

Eles aprenderam, ou melhor dizendo, aprendemos juntos, o quanto é importante estar presente no que se faz, e que a construção em grupo é fundamental, todos devem estar na mesma sintonia, porque o espetáculo pode até sair como aponta Ratto, mas não como o esperado.

A intenção era que houvesse uma percepção da plateia/estudantes, que vendo e sentindo viajassem além da história que estava sendo narrada, dando asas a sua imaginação, indo de encontro do que estava ausente. Segundo Ratto: “a proposta visual do espetáculo deveria sugerir e não impor, abrindo espaço para a criatividade de quem está assistindo” (RATTO,1999, p. 25). Eu não sei se devido a escolha da peça ser A Bela e a Fera, que influenciou os estudantes, por ser uma história muito conhecida e além disso, estar naquele período em ascensão no cinema, os estudantes/atores disseram que foi linda a apresentação, mesmo com tantas falhas e falta.

Foram várias frustrações de planos de aula que não deram muito certo, rever e acrescentar algo que funcionasse foi desafiador. Trabalhar algo que eu já conhecia como o teatro, mas que não tinha muito aprofundamento, foi assustador e ao mesmo tempo motivador naquele momento, pois me fez ir em busca de conhecimentos além do que foi aprendido. Desenvolver jogos teatrais com a turma sem que ficasse como brincadeira, foram preciso várias buscas e aperfeiçoamentos, que levassem as explicações para o quê e para qual propósito, se era usado os jogos, para uma prévia preparação do estudante/ator, foi um desafio. Aprender para ensinar, ensinar aprendendo.

3. PIBID/Teatro: primeiro contato

A escola escolhida para se tornar parceira do subprojeto, foi o Centro de Ensino Médio de Gurupi (CEM), onde abrange os três níveis do ensino médio pela manhã, e as turmas que fiquei eram todas do 1º Ano. A sala comportava cerca de trinta a quarenta estudantes, sendo muito pequena ficava um pouco apertada. A escola adotou o sistema Americano, onde são os estudantes que vão de encontro com os professores, lá cada professor tem sua respectiva sala. Éramos oito bolsistas trabalhando com a supervisão da Professora Wânia, dentro da escola, e sempre participávamos do planejamento das aulas.

Antes das férias escolares, foi feita uma reunião de planejamento entre a Supervisora do subprojeto PIBID/Teatro na escola, com os bolsistas, como ênfase propostas de trabalho para serem executados na volta as aulas, pois o subprojeto tem que apresentar culminâncias de trabalhos realizados com os estudantes, como produto final de cada ano letivo.

Como a escola almejava o trabalho teatral com os estudantes, ficou decidido na reunião de planejamento que eu iria trabalhar uma peça teatral, o segundo passo no planejamento era de ir de encontro com estudantes que queriam participar. Formada a turma, as aulas aconteceriam na quarta-feira das 14:00 as 16:00 horas, no contra turno das aulas. Nos primeiros encontros, fui apresentada a turma pela Professora, iniciei com uma roda de conversa a respeito do que cada um entendia sobre teatro, sem interrupções, cada um foi falando sobre a sua visão do que era e do que se tratava o teatro na escola. E pude perceber que os estudantes tinham uma visão de que o teatro servia apenas para relaxar, ou seja, entretenimento, alguns diziam que era divertido brincar. Segundo Ana Mae Barbosa:

[...] muito embora os Parâmetros Curriculares Nacionais tenham reconhecido seu lugar de destaque no currículo, ao dar a Arte a mesma importância que deu às outras disciplinas. [...] No Brasil, como vemos, nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento da necessidade são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem um ensino/aprendizagem que torne os estudantes aptos para entender a Arte ou imagem na condição pós-moderna contemporânea. (BARBOSA, 2012, p.14).

Devido a essa ausência mais elaborada do ensino das artes na escola, notou-se uma certa falta de entendimento dos estudantes e dos demais, com relação a arte teatral na escola. Segundo Olga Reverbél; “[...] na escola não se pretende fazer teatro propriamente dito mais amplo, mas utilizar suas técnicas e princípios, adaptando-os às necessidades pedagógicas” (REVERBEL, 1978, p. 05). A visão que muitos fazem sobre o fazer teatral na sala de aula, e de brincadeira, brincadeira essa, segundo eles, não deveria ter um olhar mais sério dentro da educação, o meu entendimento sobre o que Olga aponta é que o professor ao se trabalhar o teatro na escola, não tem a intenção de formar futuros profissionais, atores/atrizes, mas sim de formar apreciadores dessa linguagem artística. Barbosa, completa em dizer que: “A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na educação”. (BARBOSA, 2012, p. 19). Japiassu, reforça: “Os estudos na linha de pesquisa denominada teatro e educação exigem familiaridade com o vocabulário e os saberes destes dois extensos e complexos campos do conhecimento humano: o teatro e a educação” (JAPIASSU, 2001, p.23).

Muitos podem achar que o teatro não tem nada para ser agregado à educação, mas quando Barbosa aponta a necessidade de alfabetização visual e Japiassu, sobre a familiaridade com o vocabulário entre esses dois extensos, vemos sim que há essa falência de olhares mais dedicados para a educação teatral na escola. Para início de conversa era preciso que eles

entendessem primeiramente o significado da palavra” teatro”, segundo Barbara Heliodora, que aponta em seu livro, “O teatro explicado aos meus filhos”, onde diz que:

Dizer o que é teatro é uma coisa meio complicada, porque duas coisas diferentes são “teatro”: o teatro é, de um lado, uma atividade, uma forma de arte, na qual as pessoas representam um acontecimento vivido por personagens, e, do outro, o lugar onde essa atividade acontece; tanto a arte quanto o seu local são muitos antigos e, como irmãos, se desenvolvem juntos. (HELIODORA, 2008 p. 07).

O ensinamento primeiro foi esse, para depois eles entenderem para qual finalidade era utilizado o teatro na escola, que seriam de fundamental importância para todo o processo de trabalho que iria ser desenvolvido.

3.1 Entrando no mundo da fantasia real

Após a escolha do texto, que foi: “Deu a louca nos contos de fadas”, autor: Alex Nascimento, a pedido da direção da escola a respeito de um assunto que estava sendo discutido naquele ano, sobre o uso abusivo da tecnologia dentro da sala de aula. Pediu que fosse feito uma adaptação do texto agregando essas tecnologias. Não era o planejado, mas a coordenação da escola acreditava que seria de extrema importância abordar esse assunto, também na peça, para que os estudantes não perdessem o foco. Iniciou-se o trabalho de adaptação do mesmo, com os estudantes. Como forma de seguir a trilha, agregar a leitura de uma maneira que eles não somente lessem, mas sim entendessem a história, foi o primeiro processo trabalhado com eles. Em forma de jogo, foi pedido que cada um após a leitura, interpretasse um personagem do texto, sem nenhuma interrupção, a seu modo de pensar de como ele via esse personagem, e aos poucos era sugerido para agregar um objeto tecnológico imaginário, a cena.

Mesmo com a leitura e interpretação do texto teatral, por mais que se tratasse de um texto de fácil compreensão, considerando o nível escolar dos estudantes, tiveram dificuldade para entender como agregar elementos como a tecnologia em um conto de fadas, ficando um pouco desinteressados, eles gostaram mais do texto original, até cogitaram se havia a possibilidade de não adaptação do texto. Devido a exigência da direção da escola isso não foi possível. Antônio Nóvoa (2007), durante uma palestra no Sindicato dos Professores de São Paulo, defende a ideia de que a escola não deve ser centrada no aluno, mas sim na aprendizagem, segundo ele:

Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas – que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo –, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante. Muitas das nossas escolas são instituições distraídas, dispersivas, incapazes de um foco, de definir estratégias claras. E quando se enuncia cada uma dessas missões ninguém ousa dizer que não são importantes. Mas a pergunta que se deve fazer é: a escola pode fazer tudo? É preciso combater esse “transbordamento”. Tudo é importante, desde que não se esqueça que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos. (NÓVOA, 2007, SINPRO-SP. p 06)

Durante reflexões sobre o assunto, percebeu-se que não era relevante aquele problema, pois qual fosse a escola, qual fosse a disciplina, o assunto existiria, e o professor sempre teria um encontro com essa problemática. A dificuldade encontrada, foi encarada como desafio.

Devido a isso, durante as primeiras experimentações, não houve sentimento de presença, o querer estar, eles argumentavam que estavam cansados daquele assunto, que estava sendo abordado em todas as disciplinas, e pensaram que não haveria tal abordagem na peça, com isso a cada encontro faltavam dois, mais dois, mais três, e não foi desesperador, porque percebeu-se, que haveria que ter mudanças de métodos de abordagem, usar do que eles gostavam, como forma de melhor entendimento, para que tudo começasse a fluir. Foi um dos fatores que instigou para que o assunto fosse levado como discussão e troca de conhecimento, tanto nas reuniões semanais com os Coordenadores de área, como com a Supervisora na escola, utilizando como eixo de partida para novas metodologias.

Depois de um mês de encontro sem resultados, para a adaptação do texto, usei de estratégia, a contação de história. Veio em mente o meu Professor André Luiz Moura Siqueira, quando ele pediu na disciplina de Arte e Cultura Popular, que cada um na próxima aula, contasse uma história usando objetos, na aula seguinte, ele que nos surpreendeu, iniciando a aula contando uma história, bem antiga, “antiguinha mesmo”, foi o que se notou pelos seus gestos e forma de falar, e usava como adereço somente um chapéu de palha, e seus olhos sempre voltados para os nossos, não se sabe ao certo se era uma história verídica, mais da forma que foi contada parecia que ele tinha sido um dos protagonistas, e aquele dia ficou marcado.

Foi então que comecei a contar a história que iria ser encenada por eles, inserindo a ela várias informações que não continham no texto, mas sim na minha imaginação, a história era sobre duas princesas mimadas e de como os contos de fadas tinha enlouquecido, com os artefatos tecnológicos de outro mundo, chamado Terra, que tinham sido trazidos por um ciclone. Não quis fazer uso de vídeos da peça encenada, pois não queria que influenciasse os estudantes em seu primeiro contato com o processo criativo, para que não fizessem uso dos

gestos dos atores e como base o cenário. A intenção era que eles usassem de sua própria imaginação para criar, e dar vida aos personagens, desde gestos, figurinos e cenários.

A história foi apreciada com muito silêncio, coisa que foi de extrema curiosidade, pois a turma era formada com estudantes de primeiros anos diferente, por causa disso a euforia de se conhecerem tomou conta dos primeiros encontros. A história foi contada cheia de trejeitos, como se eu tivesse ido e presenciado tudo o que tinha acontecido com os personagens daquele reino.

Após a história, os estudantes já haviam escolhido seus papéis a serem representados na peça. Antes do término da aula pedi que os estudantes desenhasssem como imaginavam o figurino do seu personagem e o cenário ao qual estavam inseridos, e que trouxessem na próxima aula. E a partir de então, começaram as anotações no diário de bordo, pois os acontecimentos daquele dia, mesmo com intervenções, podem se dizer que foram, surpreendentes.

Na aula seguinte, todos compareceram, trouxeram ideias do que imaginavam de seu personagem, e a fantasia que eles usavam, “A fantasia?”, essa foi uma questão que ao longo do processo foi trabalhando com eles, fazendo com que quebrasse essa visão de que figurino não é “fantasia”.

“Fantasiar”, o uso dessa palavra foi utilizado como mecanismo inicial do jogo de improvisação, elaborado para aquela aula, devido à falta de importância dada pelos estudantes, durante o início do processo, segundo Viola Spolin, no livro: “Jogos teatrais na sala de aula, um manual para o professor”, que enfatiza que a pretensão do jogo teatral é: “[...] não apenas fornece a experiência teatral aos educandos, como também ajudá-los a se tornarem responsáveis por seus parceiros e a criar um bom ambiente de trabalho, transformando objetos comuns em algo extraordinário. Os jogos tornarão os alunos mais conhecedores de si mesmos” (SPOLIN, 2012, p.27).

Um dos objetivos dos jogos teatrais dentro da sala de aula segundo Spolin, é de fazer uma ressignificação de consciência de valores como, o convívio coletivo, seja na escola, no palco ou na vida, trabalhando consigo mesmo o respeito mútuo, dando valor ao valor, em continuidade Japiassu reforça em dizer que: “[...] O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação” (JAPIASSU, 2001. p.26). O jogo teatral é uma junção de ordens que os jogadores juntos tendem a seguir, para possível solucionador de problemas, mas as ordens propostas aos jogadores não os delimitam, ao que somente foi proposto, mais os mantém atentos ao que deve ser feito, SPOLIN (2012).

Segundo Spolin: “Quando os jogadores estão focados no jogo, são capazes de transformar objetos ou criá-los” (SPOLIN, 2012, p.31). Com essa intenção de foco que se deu início a aula. Primeiramente antes do jogo instiguei os estudantes sobre o significado e a importância do, “onde”, (lugar), “quem”, (personagem) e “o quê”, (ação), referente a proposta de encenação, feito isso, foram passadas as regras do jogo, segundo Japiassu, em “Metodologia do ensino de teatro”: “o jogo teatral é intencional e explicitamente dirigido para observadores, isto é, pressupõe a existência de uma 'plateia” (JAPIASSU, 2001, p.25). Com esse intuito os estudantes foram divididos em dois grupos, em que um no primeiro momento seria a plateia e o outro, os atores em cena, tendo uma rotatividade, para que todos pudessem experimentar com visões diferentes, dando início ao jogo, onde cada ator/estudante, teria que improvisar alguma cena, usando como auxílio situações sugeridas por mim, durante o jogo.

Foram sendo chamados de dois em dois, uns se voluntariavam sem nenhum problema, outros já mesmo sendo solicitados, não estavam seguros do que iam fazer, mas no decorrer da aula, os que eram mais tímidos já não haviam percebido o momento que entrou no jogo, pois perceberam que o jogo não tinha o intuito de avaliar sua competência teatral. Durante essa experimentação, percebi um problema quando era pedido que se sentassem no chão, era sempre de negação da parte deles, dizendo que não iam sentar pois o chão estava muito sujo.

Devido a vários outros fatores, como feriados, que caíam bem no dia das aulas, semana de provas, ou eventos que aconteciam, muitos jogos de improvisação que foram planejados não aconteceram, não se teve muito como trabalhar, pois, o tempo, também não estava ao nosso favor, e eles ainda não tinham estudado o texto. Em relatos da Professora Wânia, feitos através de um relatório sobre todo o processo trabalhado, pois ela foi mais que minha supervisora, foi uma parceira, segundo ela em seu relato, que está em anexo, a respeito da falta que faz um tempo para a execução de um trabalho, ela diz que:

Obviamente tivemos muitos contratempos durante todo o processo de organização da peça, devido à falta de tempo, decorrente dos feriados e das semanas de provas dos alunos. A disponibilidade de tempo para as aulas, devido ser só duas por semana, aumentou o grau de dificuldade para o andamento do processo, mas tudo se resolvia com democracia. Contudo, foi uma experiência muito importante para os alunos envolvidos, pois, os mesmos adquiriram muito conhecimento e habilidades a respeito do fazer teatral.⁴

⁴ Wânia Pimentel Leite, Professora Esp. E Supervisora do subprojeto PIBID/Teatro, no Centro de Ensino Médio de Gurupi (CEM).

Essa experiência não foi acometida somente pelos estudantes, mas também por nós duas, devido ao empenho que propusemos a ter durante todo o processo, o querer que desse certo foi motivador.

Na aula seguinte, tivemos a intervenção do ainda Coordenador do Subprojeto, o Professor André Luiz Moura Siqueira, que se apresentou aos estudantes e fez um aquecimento corporal com eles. Durante esse processo o Professor André percebeu uma certa dificuldade que se tinha para fazer com que os participantes sentassem no chão, os estudantes diziam que não se sentariam porque o chão estava muito sujo e que não iam sujar as suas roupas. Observei que naquele momento o professor usou de estratégia a não importância para o que eles estavam dizendo, mas também não impondo nada, sentou-se sozinho no chão, enquanto os estudantes ficaram em pé em círculo, observando a história contada por ele. Foi nítido que os estudantes ficaram incomodados com isso e aos poucos foram se sentando e sem perceberem estavam todos sentados, não se preocupando mais com a sujeira.

Figura 03- Aula com intervenção do Professor André Moura



arquivo pessoal

Ao observar, os estudantes sentados com a atenção voltada para o professor. Percebi que em nenhum momento que fiz o pedido para eles se sentarem, eu sentei. Aprendi que não devemos exigir algo das pessoas, se não as fazemos. Depois desse aprendizado, não tivemos mais esse tipo de problema.

Nessa turma havia um estudante muito imperativo, deixando os outros colegas agitados também. Depois dessa aula, houve uma conversa entre mim e a Professora Wânia, em busca de uma solução para amenizar esse problema, foi quando se teve em conjunto a

ideia de delegar a esse estudante uma função, mas o intuito dessa função não seria para que ele ficasse quieto, mas que se sentisse útil.

Foi o que aconteceu, na aula seguinte foi dito que ele seria o responsável pela sonoplastia e que aquela função era de extrema importância e que além de atuar, ele teria que observar a atuação dos colegas e trazer propostas, para a entrada dos palhaços. Nesse momento ele pediu para a Professora Wânia que na próxima aula trouxesse o som e um *notebook*, e assim ocorreu por alguns dias.

O estudante estava empolgado, mas três semanas depois ele sofreu um acidente, não foi grave, mas o deixou impossibilitado de ir por um bom tempo aos ensaios, fazendo com que ele desistisse do papel do personagem que queria tanto representar. No texto haviam três palhaços, e com a saída dele ficaram apenas dois, para a minha surpresa uma das bruxas também não poderia mais atuar, devido a mudança de turno, passando do turno da manhã para a noite, teria encontrado um trabalho e isso fez com que tivéssemos que reorganizar o texto ou encontrar outra estudante/atriz.

No término da aula, a expressão de preocupação tomou conta de mim, pois o Diretor pediu a Professora/Supervisora para apresentar a peça na outra semana, conversamos sobre o assunto e chegamos à conclusão óbvia que os estudantes não teriam condições nenhuma de apresentar, devido à falta de ensaios, figurinos e cenário, teve a cogitação deles fazerem um ensaio aberto, mas eles disseram que estavam com vergonha e se fosse ter que apresentar do jeito que estava, alguns iriam sair da peça.

Ficou decidido então que não haveria apresentação fora da data estipulada, que seria no dia do Interarte, que aconteceria em dezembro. O Interarte é um evento realizado pelos bolsistas do subprojeto, com a orientação dos coordenadores de área, com os estudantes da escola parceira. Esse evento é realizado todo final de ano letivo, e nesse ano de 2017, ficou decidido que minha turma abriria o evento com a peça que estava sendo trabalhada.

De posse dessa informação, repassei aos estudantes, junto à supervisora, pois teríamos que resolver o maior dos problemas, que seria a ausência dos estudantes. Era complicado fazer a direção entender que teatro não se faz assim, de um dia para o outro, essa problemática é constante quando se dá o envolvimento do fazer teatral em escolas, pois as pessoas que não são da área não entendem as especificidades do universo teatral.

Nesse mesmo dia não tivemos aula, somente discussões para chegar em um consenso, se teria ou não a continuidade daquele processo que estava sendo realizado, devido alguns dos estudantes terem saído da peça e outros não comparecerem aos ensaios, ficava difícil ter continuidade. A supervisora do subprojeto, com certas preocupações, também a respeito da

cogitação do fim de um processo de trabalho que já estava meio caminho andado, teve com os estudantes uma conversa sobre o assunto.

Na semana seguinte, estavam todos à minha espera, com o texto na mão, e ainda levaram mais colegas que queriam participar da montagem. Tivemos uma conversa produtiva a respeito de estarem presentes em todos os encontros, por serem poucos, não tínhamos tanto tempo assim, a partir dessa socialização, não tivemos mais esse tipo de problema, dando seguimento com muita força e vontade para que tudo desse certo.

3.2. Encenando o texto

Depois da conversa que tivemos, nas semanas seguintes, nenhum estudante faltou, eles estavam empenhados, com isso não tivemos mais problemas com a falta deles nos ensaios, mas agora o problema seria com a falta de espaço para o andamento do processo. Como nunca havíamos conseguido agendar um dia para os ensaios no palco do auditório da escola, ensaiávamos sempre dentro da sala que era pequena, e todos os dias de aula reorganizávamos as carteiras, para que assim tivéssemos mais espaço.

O auditório também não era muito grande, e sempre estavam ocupados com reuniões pedagógicas, as vezes outro grupo de bolsistas estava utilizando, até que um dia a supervisora, chegou com uma boa notícia, que havia conseguido o auditório para ensaiarmos na semana seguinte, mas que havia um, porém, tínhamos que ensaiar pela manhã.

Pela manhã os estudantes estariam em aula, e esse seria o problema, como eles eram de salas diferentes a Supervisora Wânia ficou incumbida de conversar com as professoras dos demais, para saber se haveria a possibilidade da ausência deles durante o primeiro horário. Tudo deu certo, as outras professoras entenderam nossas aflições, a colaboratividade das professoras fora de extrema importância para o caminhar do trabalho.

Cheguei cedo na escola, e já saí à procura da supervisora, os estudantes começaram a se aglomerarem na porta do auditório, ficamos ali por um bom tempo, à espera da professora que havia saído a procura das chaves. Meia hora depois, conseguimos adentrar ao espaço onde ensaiaríamos pela primeira vez, logo ao entrar notamos que tinham muitas mesas em cima e embaixo do palco. Já fui logo chamando todos para ajudar a tirar tudo dali, mas a senhora porteira servente já foi logo avisando, que poderíamos ensaiar, mas não poderíamos tirar nada do lugar, porque mais tarde haveria uma reunião do colegiado e ela já havia deixado tudo arrumado.

Eu e a supervisora olhamos uma para a outra, e no mesmo tempo para os estudantes que ali estavam pela primeira vez, cheios de empolgação, a professora teria que voltar para sua aula, me deixando sozinha para resolver aquela situação. Devido ao tempo perdido a espera das chaves, tínhamos mais uma hora e meia para trabalhar. Com um pouco de receio, empurramos um pouquinho as mesas do palco para o cantinho, deixando um pequeno espaço para ser transitado por eles, depois colocamos novamente no devido lugar. Ensaíamos, não como deveria ter sido, mas foi proveitoso, pois tivemos ideias para cenário e figurino.

Voltando ao assunto abordado no início do capítulo 3, foi percebido nesse dia, o uso abusivo dos celulares em sala, que era o tema que estava sendo discutido na escola e que foi pedido pela direção a agregação desse assunto na peça, uma das estudantes não largava o celular, bom, todos eles na verdade, mas nesse caso foi interessante, ela era uma das princesas do castelo, onde na adaptação do texto as duas entrariam usando o celular, tirando fotos, postando nas redes sociais, conversando com príncipes, mas ela, literalmente usava o celular em cena, deixando assim os outros personagens a sua espera, causando um vazio, entre as falas durante os ensaios. Para resolver esse problema, um dos estudantes teve uma ideia de dar para ela um celular estragado, então a partir daquele dia levava sempre um celular quebrado, para que não corresse esse risco na hora da apresentação.

Tínhamos que correr contra o tempo, pois já estávamos entrando no mês de outubro, ou seja, na próxima semana seria a apresentação. O querer envolver os estudantes no universo que existe por detrás das cortinas ficou distante, não tinha como, com o pouco de tempo para o desapego do texto os impossibilitou de tal experiência. Quando o ensaio acabou, fiquei ali um pouco pensativa, como conseguiria comprar materiais para a confecção do cenário e figurino, a professora e eu já havíamos conversado sobre isso, e ela conversaria com a direção da escola, mas que por enquanto não contássemos nada para os estudantes, para que não ficassem esperançosos.

Durante a reunião do PIBID, a Coordenadora Solange, nos presenteou com uma bela notícia, que o programa iria receber um valor que seria destinado para compras de materiais necessários para a realização do “Interarte”, fiquei com os olhos cheios d’água, igual uma criança que ganha um brinquedo que sempre sonhou. Eu não sou boa em muitas coisas, mas amo criar coisas, e se essas coisas fizerem parte de uma história encenada ficava mais apaixonada ainda.

Na reunião ela pediu que fizéssemos uma lista dos materiais necessários, antes que ela terminasse eu já estava com a minha lista pronta, de tanta empolgação que estava. Poderia ficar melhor? Poderia sim, pois na semana seguinte quando cheguei a escola, a professora

Wânia foi logo me contando, cheia de entusiasmo, que o diretor havia dado permissão para comprarmos materiais necessários para a confecção de figurinos, devido ele ter observado o interesse dos estudantes e nosso esforço e desempenho.

Passei o resto da semana inteira, buscando coisas, eram sacolas e mais sacolas, e aquele cheiro de cola, o cheiro de papel novo, que logo iria ser amassado e transformado em algo, era maravilhoso. Enquanto os estudantes se empenhavam nos ensaios, eu nos outros dias da semana, a qualquer hora do dia, na minha tranquila solidão, confeccionava peças para o cenário, e sempre mandando fotos para que todos os envolvidos vissem.

Figura 04 e 05: Arvore seca e asas da fada



Acervo próprio

Nas figuras acima, as primeiras peças confeccionadas, para composição da montagem. Os figurinos das fadas, das bruxas, princesas e um dos palhaços ficaram por conta da professora Wânia, que alugou algumas coisas, tivemos a colaboração das mães de alguns estudantes que se propuseram em costurar algumas peças. Fiz os chapéus, caldeirão, livros de feitiços, caveira com velas derretidas das bruxas, varinhas, asas e coroa de flores das fadas, chapéu, colete, bota e orelha do duende, gravata e chapéus dos palhaços. Foram tantas coisas, ainda bem que tivemos a ajuda dos pais.

Devido os ensaios no auditório da escola não terem funcionado, tínhamos que ensaiar no palco onde iria acontecer a apresentação, que era no anfiteatro do IFTO. Em uma das

reuniões do PIBID, perguntei à coordenadora se haveria essa possibilidade de agendamento do local na quarta-feira à tarde, para que os estudantes pudessem ensaiar, fazer reconhecimento do palco e marcações de entrada e saída. Antes do término da reunião ela me avisou que conseguiu agendar e que na semana seguinte iria mandar o ônibus buscar os participantes na escola no horário combinado.

Entrei em contato com todos, para avisar e que não esquecessem de levar o texto, porque eu sempre tinha que lembrá-los, cansei de contar quantas vezes foi tirado novas cópias. Sobre a importância da responsabilidade com o texto impresso tivemos várias conversas, até que foi diminuindo a quantidade de estudantes que o esquecia nem sabia onde. Na semana seguinte, na quarta-feira, dia do encontro, eu já tinha chegado mais cedo para pegar as chaves e preparar o ambiente para recebê-los, quando o ônibus chegou no IFTO, os estudantes desceram do mesmo, com cara de quem chegou na “Disneylândia”, foi uma euforia só.

Primeiramente fui mostrar o local onde iria acontecer a peça e falar sobre as ideias que tive para a entrada e saída dos personagens, como o anfiteatro tem uma entrada em cada lateral do palco, e uma nos fundos, lancei a proposta de fazermos duas ambientações, de um lado ficaria o castelo das princesas chatas e do outro a floresta das bruxas encantadoras, e os palhaços poderiam transitar por qualquer uma das entradas, sem ter que passar no meio da plateia, o Duende entraria pela porta central, e as fadas pela floresta e os três sairiam em busca das princesas chatas pela porta central novamente, passando entre a plateia e entrariam na floresta pela porta dos fundos do palco, fiquei até “meio tonta” com tanta porta de entrada e saída, mas para entendermos melhor, todos concordaram em passar uma vez, para ver como ficaria na prática, para depois então fazermos as devidas correções.

Havia me esquecido, nesse dia que uma das bruxas faltou, estava doente, então sempre que faltava um estudante, a Professora Wânia substituí-a, devido a esses contratempos ela teve que substituí-la nesse ensaio, a supervisora já sabia as falas de todos os personagens, até os gestos feitos por eles, tinha Duende que andava meio malandrinho, bruxas encantadoras, nada feias, um mordomo muito sério porém vaidoso, uma fada mandona e outra maluquinha, que rodopiava até ficar tonta, princesas avoadas e chatinhas também. Nesse dia a bruxa que faltou tinha uma mania de colocar meio tortinho as mãos na cintura, e ficar batendo-as contra as costelas, essa mania era da própria estudante, que dizia que fazia isso só quando ficava nervosa, tentamos tirar, sem muito sucesso perguntei a ela se ela daria aquele gesto de presente para a bruxa, ela me olhou meio com cara de “Essa professora é meio doidinha”; mas me disse, sim. Então eu disse a ela que ela nunca mais poderia usá-lo em outro lugar.

“Rum! Hora essa, a mania é minha”; ela disse, e eu disse a ela; “Que sim senhorita, quando damos algo de presente a alguém ele não nos pertence mais. Pense por um instante, se eu lhe der de presente um vestido lindo maravilhoso, aquele vestido que ficou certinho em você, aquele vestido que sempre quis ter, ele é de quem agora? Seu ou meu?”; “Meu! Claro”; “E eu vou poder usá-lo depois, quantas vezes eu quiser, na hora que eu quiser?”; “Não! Se você me deu de presente, é meu”, ela respondeu, então com o “gesto” que você está dando de presente para a bruxa, é a mesma coisa, ele não será mais seu, respondi. Depois, disso a estudante começou a se desapegar daquele gesto que fazia sempre que ficava nervosa e só o usava em cena.

Usei essa estratégia quando lembrei do ensaio de uma peça que tivemos no primeiro período da faculdade, quando o Professor Taion Nunes Faleiro, a convite do Professor André, o qual nos orientou em alguns pontos que estava fazendo com que os ensaios não dessem resultados, nunca me esqueço, de quantas vezes ele me mandou voltar em uma cena, e me perguntou, “Esse gesto que você faz é seu ou foi criado para o personagem?”; “Porque até então estou vendo você e não a personagem”. O gesto era totalmente meu. Segundo Stanislavski:

O comedimento nos gestos tem particular importância no setor da caracterização. A fim de fugirmos de nós mesmos sem repetir as mesmas exterioridades em cada papel, é indispensável conseguir uma eliminação de gestos. Cada movimento exterior, que fora do palco pode ser natural num ator, separa-o da personagem que ele está interpretando e fica a lembrá-lo dele mesmo. (STANISLAVSKI, 2010, p. 117).

Também William Shakespeare fala sobre o assunto utilizando de uma fala de Hamlet, o personagem orientando os atores que simularão a morte de seu pai, relata:

Não seja tampouco incaracterístico, mas deixai que o discernimento seja o vosso preceptor; ajustai o gesto à palavra, a palavra ao gesto, com o cuidado específico de não ultrapassardes a natural moderação [...] o exagero, ou a deficiência, embora façam rir o inexperto, desgostam o judicioso [...]. (SHAKESPEARE, 1976, p. 116).

Essa fala de Hamlet nos faz pararmos para pensar, representamos tão facilmente no nosso dia a dia papéis diferentes, dependendo do nosso humor ou os tipos de situações que nos encontramos. Vic Vieira Graneiro, em seu livro “Como usar o teatro na sala de aula”, acrescenta: “Com efeito a vida humana é, essencialmente, uma representação, vale dizer, uma duplicação: toda pessoa, pela sua própria natureza, apresenta-se ao mundo como um personagem” (GRANEIRO, 2011, p.07). É da natureza humana, representar, e isso

aprendemos desde pequenos, ela ainda completa: “No cotidiano está repleto de momentos teatrais, em que desenvolvemos uma ação para nós mesmos ou para os outros, em um determinado espaço de tempo, com um objetivo próprio de comunicar desejos, sentimentos e emoções; transmitir informações e vivenciar experiências” (GRANEIRO, 2011, p.11). Não temos dificuldades de representar no nosso cotidiano, sermos pessoas diferentes, talvez a cada dia da semana, mas temos certas dificuldades quando se trata da responsabilidade séria de representar no palco um personagem, encontramos então certas dificuldades de se despir de nós mesmos e entregar a nossa pele a um estranho, que veste, fala e anda diferente, e suas emoções são contrárias as nossas.

Para isso existem técnicas a serem estudadas, preparação de corpo e voz, muitos ensaios repetitivos até que fique perfeito o acabamento. Como uma roupa, que foi entregue a costureira o desenho, onde ela o estuda com muita calma, para depois transferi-lo para o tecido, e só depois unir as partes, com as linhas adequadas, transformando-as em uma só obra.

E assim houve mais quatro ensaios no anfiteatro, antes da apresentação, tivemos experimentações de algumas peças do cenário e figurinos, durante alguns ensaios, para não correr o risco de nenhum estudante aparecer com o uniforme da escola, mas ainda faltava muita coisa a ser feita, resolvemos que na última semana, antes do ensaio não teríamos encontro, seria destinado aos adolescentes/atores, para que relaxassem até o dia da apresentação, e eu e a professora Wânia ficamos sobrecarregadas, providenciando os últimos detalhes.

Dia 09 de dezembro de 2017, dia do “Interarte”, nesse dia todos os bolsistas do subprojeto tiveram que chegar as 14:00 horas, para arrumar o local de abertura do evento que aconteceria a noite, as 19:00 horas, no anfiteatro do IFTO. Nesse dia cheguei mais cedo que os outros, pois tinha muita coisa a se fazer, como já havia levado todas as peças de cenário, então era hora de montar.

Tive ajuda de três bolsistas nesse momento, não teria conseguido sozinha, era pistola de cola quente que explodiu, fita adesiva que não colava, quando terminamos tudo, lembrei que tinha me esquecido de falar com o responsável pela iluminação e sonoplastia, quase tive um colapso nervoso. Como poderia ter esquecido essas duas coisas fundamentais para a apresentação da peça?

Faltando poucas horas para a abertura do evento que aconteceria com a nossa peça teatral. Procurei os Coordenadores de área, corri mesmo, pois eles estavam em outro pavilhão, o local exato eu não sabia, entrei de sala em sala, até que quase sem fôlego, encontrei um deles o Professor Brenno Jadvas, contei o que tinha acontecido, primeiramente me pediu para

respirar, mas tenho até hoje a impressão que quando ele me ouviu dizer a palavra “esqueci”, bem no dia, ou melhor dizendo na hora da apresentação, de falar com o responsável por essa tarefa, ficou bravo. Me mandou procurar a Professora Solange, enquanto ele iria atrás do Fernando França, responsável técnico de iluminação.

Quando saia pela porta, me deparei com os estudantes entrando, com sacolas e muito eufóricos, fazendo com que esquecesse de ir a procura da professora, levei todos para o camarim, onde havia sido preparado uma mesa com lanches para eles, mas antes tínhamos que fazer um ensaio com as luzes para ver como ficava, mas as luzes ainda não tinham chegado e ficamos esperando. Quando a Coordenadora Solange Cavalcante, chega dizendo que tinha demorado, porque tinha encontrado alguém que foi a procura de outro alguém que sabia quem tinha a chave da porta dos fundos do anfiteatro. No meio daquela confusão toda nem me lembrava que havia pedido a ela para conseguir a chave.

Os canhões chegaram, o Fernando França fez as instalações e foi colocando luzes para que eu pudesse ver qual ficaria melhor nos cenários, só tinham três canhões disponíveis, devido a minha falta de atenção quanto a essa questão de agendamento do material, os outros estavam sendo utilizados em outro processo. Mas tudo deu certo, partindo então para uma última passagem com as luzes, feito isso, os estudantes/atores foram lanchar, enquanto duas bolsistas a meu pedido se propuseram maquiá-los, preparamos cadeiras na frente do espelho, como o grupo era grande, alguns foram se maquiando sozinhos, como no caso dos palhaços por exemplo, porque já estava chegando a hora.

Enquanto isso, eu estava vestindo o figurino, sim, com essa confusão esqueci de contar, como no texto o narrador é quem conta a história, e era eu, que sempre narrava nos ensaios, os estudantes me pediram para que apresentasse junto à eles, não gostei muito da ideia, pois meu lugar nunca foi o palco, queria estar com eles detrás das cortinas, observando os últimos detalhes, não deixando ninguém esquecer nada, mas não teve como, deixando essa função para a Professora Wânia e o meu colega de curso Wesley Pereira Mariano, então dei vida ao narrador da história, que seria a Chapeuzinho Vermelho.

Com tudo pronto, faltando alguns minutos, já estávamos preparados para entrar, começou a chegar as pessoas, foi que de repente me lembrei que tinha me esquecido da sonoplastia, sai do camarim com figurino da Chapeuzinho, e uma cesta na mão e na outra um *pen drive*, que continha as músicas que seriam utilizadas na peça. O Professor Brenno Jadvas, agora não me perdoaria, pensei, o encontrei recepcionando as pessoas que chegavam, junto a Professora Solange, e eu sem perder o fôlego disse que tinha esquecido de entregar para o Fernando França as músicas da peça.

Quase saindo lágrimas nos olhos, pedi ajuda, o professor foi atrás do Fernando, que o mesmo não demorou muito a chegar, entreguei a ele o *pen drive*, mas para o meu desespero ficar maior, porque já tinha se passado 05 minutos da hora da apresentação, o computador tinha uma senha de acesso, que no caso ele não a tinha, fazendo uma ligação para o responsável, que para o desespero ficar maior não atendia. Resolvi sair de dentro da cabine, pois estava nervosa, os estudantes estavam à espera, a plateia estava à espera e eu à espera. Mas a culpa foi totalmente minha, devido à falta de comunicação que tive, teatro não se faz sozinho. Enquanto isso, as crianças que ali estavam, ficavam encantadas com os personagens e pediam para tirar fotos com eles, serviu para amenizar o nervosismo dos estudantes/atores. Quando tudo realmente se resolveu, as luzes se acenderam, a música tocou e o espetáculo começou.

FIGURAS: 06 e 07: Cenário castelo das princesas e floresta das bruxas



Acervo próprio

Nas figuras acima pode-se perceber o quanto é importante a comunicação entre competências teatrais, foquei somente nos ensaios, e cenário, me esquecendo que não entendia nada de iluminação e sonoplastia, devido a isso a luz que era para deixar mais sombrio a floresta das bruxas foi trocada com o cenário do castelo, deixando o mesmo em uma penumbra só. Essa falha foi um aprendizado. Como já disse antes, o teatro não se faz sozinho, é preciso primeiramente que haja um diálogo, entre cenógrafo, figurinista, dramaturgo, sonoplasta, iluminação e direção, se não, o trabalho tende a ficar inacabado, e uma história inacabada, não é uma história bem contada.

No final da apresentação, depois dos aplausos, fomos para o camarim nos despir dos personagens, fiquei sem saber como agir quando recebi dos estudantes um carinho em forma de abraços, e a tristeza deles por ter acabado tão rápido, um esforço de seis meses de processo, que na verdade foram 22 dias, devido ser só um encontro por semana, que foram poucos, mas bem aproveitados por nós.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estágio de regência e do subprojeto PIBID/Teatro, percebi que a profissão de professor é uma profissão de risco, porque corre-se o risco de ter ódio ou amor, de ser mãe ou pai de muitos, sentir a dor ou alegria de cada um, foram várias as vezes que pensei em desistir, senti medo de não conseguir lidar com isso, mas através de conversas com supervisor e orientadora de estágio, e coordenadores de área no subprojeto, a insistência de seguir em frente, falou mais alto, doando o melhor de mim, chegando aqui, no começo, digo no começo, porque agora que tudo vai realmente começar.

A decisão de deixar de ser coadjuvante para ser a protagonista dessa história, foi difícil de ser tomada, e por muitas vezes, questionada por mim, quando já a frente da sala de aula, o sentimento de medo e fracasso, sempre tomava conta, muitas inquietações passavam pela cabeça. Mas tinha que descobrir o que faltava, para me sentir bem, acredito que ao ficar muito tempo nas sombras não me permitiu tal conhecimento. A intenção primeira, de levar os estudantes ao universo por detrás das cortinas, não aconteceu, me lembro de coisas boas e ruins, mas um detalhe ficou marcado, a falta que senti dos momentos que perdi durante as aulas, acreditando que nunca precisaria de tais conhecimentos e metodologias utilizadas pelos professores, o sentimento foi de órfã.

Durante o trabalho realizado com os estudantes que aconteciam na terça e quarta-feira, nas duas instituições de ensino, foi clara minha percepção de desinteresse por parte dos alunados, no começo, ambos somente queriam partir para apresentações de uma peça qualquer como se atuar fosse uma coisa sem objetivos, sem compromisso ou sem fundamento. E essa percepção se remeteu a mim, que sempre tive esse comportamento e essa visão, durante muitas aulas.

Foi difícil entenderem e eu também, que para atuar precisamos primeiramente estar presente, compreender a obra a ser encenada, seja ela filme, livro ou texto teatral, fazer com que eles compreendessem que não tem como reproduzir sem conhecer a história, foi um desafio que agregou a mim, muitas coisas, a primeira foi que: como poderia exigir dos estudantes o estar presente na aula, se eu como estudante muitas vezes não estive, em muitas aulas importantes. Devido a isso, sem essa experiência não teria a consciência hoje, da falta que faz a falta.

As aulas ministradas durante o estágio, foram desafiadoras, como já disse, estava diante dos principais responsáveis por minha permanência ou desistência da profissão professor, mas durante todo esse percurso a única pessoa responsável por tal coisa era

somente eu e em todo esse processo construtivo, fui a maior beneficiada, devido as escolhas passadas, que não foram boas, a de querer ficar na caverna, com isso perdendo o que a licenciatura juntamente ao teatro tinha para me oferecer.

O subprojeto PIBID/Teatro estava chegando ao fim, assim como minha permanência enquanto graduanda. Recebi várias críticas sobre as apresentações, a atuação dos estudantes e ornamentação do cenário, e figurinos, foram mais negativas do que positivas, absorvi todas com muito respeito, eles não entendiam porque a cada crítica eu sorria, sendo que as críticas não eram boas, mas o que eles não sabiam era que o motivo do meu sorriso foi a sensação pós processo, o esforço e o cansaço me propuseram um grande aprendizado e o fato de ter tido somente críticas negativas, foi de imensa gratidão, se tudo estivesse saído perfeito aos seus olhos, talvez eu teria outro tipo de sentimento.

Quando a plateia, pós apresentação vinham dizendo que gostaram de algumas coisas e outras não, não perceberam que estavam me dando o que eu buscava em todo esse percurso, “incentivo” para continuar. Continuar a aprender, pois o conhecimento adquirido através dessas experiencias foi primordial, mas não o suficiente.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **As mutações do conceito e da prática**. BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte (org) – 7º ed. – São Paulo: Cortez, 2012, p. 13-19.
- BIANCHI, Ana Cecilia de Moraes. ALVARENGA, Marina. BIANCHI, Roberto. **Orientação para Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- FERREIRA, Brenno Jadvas Soares. **Fluxo espontâneo e capacidade de jogo: Estudos atorais a partir de princípios do Teatro-Esporte e do Match de Improvisação**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes- IARTE. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.
- FÉRAL, Josette. **Teoría y Práctica: Más Allá de Las Fronteras**. Traducción de Armida María Códoba. 1ª ed. Buenos Aires: Galerna, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).
- GRANEIRO, Vic Vieira. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto 2011.
- HELIODORA, Barbara. **O teatro explicado aos meus filhos** -Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- RATTO, Gianni. **Antitratado de cenografia: Variações sobre o mesmo tema** - 1º ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1999.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Ed. Victor Civita, 1976.
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor** – 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. **A construção da personagem**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- TORRES, Saturnino de la. **Um olhar ecossistêmico e transdisciplinar sobre a educação: olhar o futuro com outra consciência**. IN: TORRES, Saturnino de la; ZWEREWICZ, Marlene. Uma escola para o século XXI: Escolas criativas e resiliência na educação (org). Florianópolis: Insilar, 2009, p. 17-19.